



DA: ASSESORIA DE IMPRENSA, RÁDIO E TELEVISÃO DA FUNDAÇÃO BIENAL DE
SÃO PAULO

DATA: 14-04-80

MÁRIO PEDROSA: PERFIL BIOGRÁFICO DO HOMENAGEADO

Nasceu em 20 de abril de 1900, na cidade Timbaúba, Pernambuco (divisa com a Paraíba), de família paraibana.

Estudou em Lausanne, na Suíça. Formou-se em Direito (1923) pela então Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Viveu em São Paulo no período de 1920-22, quando conheceu Mário de Andrade, de quem ficou amigo. Trabalhou como redator de política internacional no Diário da Noite, de São Paulo, no tempo de Oswaldo Chateaubriand e Rafael Corrêa de Oliveira, convivendo com os meios artísticos da época, tendo como companheiros de redação, entre outros, o pintor Di Cavalcanti e Lívio Xavier. Naquela época chegou a exercer a crítica literária do Jornal.

Em 1927, foi para a Alemanha, estudar na Faculdade de Filosofia da Universidade de Berlim, fazendo cursos de Filosofia, Sociologia e Estética, tendo como professores, entre outros, Breysig, Werner Sombart, Thurnewald, Sprangel e Vogel.

Voltou ao Brasil em 1929. Ainda em 1927, ligou-se ao movimento surrealista na França, com Breton, Benjamin Péret, Tanguy e Miró. Teve grande atividade política desde os tempos da Faculdade de Direito.

O primeiro grande ensaio sobre Artes Plásticas que escreveu foi a conferência "As tendências sociais da arte e Kaethe Kolwitz", realizada em 1932, no Club dos Artistas Modernos, fundado por Flávio de Carvalho.

Em 1934 foi ferido na Praça da Sé, num conflito com integristas. Transfere-se para o Rio em 1935, trabalha, então, na Agência Havas. Com o golpe de Estado de 37, foi exilado do Brasil, permanecendo refugiado durante todo o período do Estado Novo.

Passa os anos de 1937 e 38 em Paris, transferindo-se neste último ano para Nova York, onde trabalhou no Museu de Arte Moderna e no Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos, passando depois para o Boletim da União Pan-Americana, em Washington. Na França e nos Estados Unidos colaborou ativamente em revistas de cultura política e arte.

Em 1940 volta ao Brasil, mas é preso e de novo deportado pela ditadura para os Estados Unidos.

Quando da inauguração dos painéis de Portinari na Biblioteca do Congresso, em Washington, escreve longo estudo a respeito, o mais completo escrito até aquela época.

Em 1945 volta ao Brasil ao terminar a guerra e participa da luta pela derrubada da ditadura. Inicia naquele ano a seção de Artes Plásticas do Correio da Manhã.

Defende tese em concurso para a cátedra de História da Arte e Estética da Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro, sob o título Da Natureza Afetiva da forma na Obra de Arte (1949), tese em que pela primeira vez no Brasil e uma das primeiras no mundo em que os problemas da Arte são abordados do ponto de vista da "psicologia da forma" (Gestalt), merecendo a tese um comentário crítico muito elogioso do professor Etienne Souriau, na Revista de Estética da Sorbonne. Publica, na mesma época, Arte, Necessidade Vital, livro de ensaios sobre Arte.

É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte desde a fundação, em 1948, tendo sido eleito vice-presidente da entidade no Congresso de Palermo, 1957.

Indicado para Bolsa da UNESCO, no grande projeto Oriente-Occidente, para estudar como crítico ocidental as relações da arte japonesa com a arte contemporânea do Ocidente. No Japão demorou-se quase dez meses, tendo trabalhado constantemente no Museu de Arte Moderna do Japão, no preparo do ensaio sobre A Caligrafia Sino-Japonesa Moderna e a Arte Abstrata do Ocidente. Tomou parte no Júri da Bienal de São Paulo de 1953 e 1955.

Foi organizador do Congresso Internacional de Críticos de Arte que se reuniu em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, em 1959 ,

tendo sido relator da tese principal.

Tomou parte no Congresso Internacional de Críticos de Arte, realizado em Varsóvia.

Crítico de Arte, durante algum tempo da Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, ocupou em 1957 a crítica de artes visuais do Jornal do Brasil, mantendo-a por vários anos.

Livre-docente da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio de Janeiro, cadeira de História da Arte e Estética. Professor de História do Brasil do Colégio Pedro II, Internato, do Rio de Janeiro, Escreveu tese de concurso para catedrático desta última cadeira intitulada Dos Obstáculos Políticos à Missão Artística Francesa. É, também, livre-docente de Filosofia do mesmo Colégio Pedro II, tendo defendido a tese: Evolução do conceito de ideologia: da Filosofia à Sociologia. Foi diretor do Museu de la Solidariedad, de Santiago, Chile.

Outras obras publicadas: Forma e Personalidade; Panorama da Pintura Contemporânea; Dimensões da Arte; A Problemática da Arte Contemporânea, ensaio em que estuda as relações da Ciência com a Arte. Crescimento e Criação (observações sobre arte infantil). No livro Arte de Agora, Agora, publicado por esta Editora, foi autor da segunda parte intitulada "Retoques a Auto-Retrato", em que estuda a personalidade do crítico de arte inglês Herbert Read.

Dirigiu o semanário Vanguarda Socialista, ali publicando diversos artigos em que especula sobre as tendências da Política. A Opção Imperialista e A Opção Brasileira são dois livros de sua autoria, publicados em 1966, em que trata de problemas políticos.

Em 1975 foi lançada sua primeira coletânea de textos críticos publicados na imprensa brasileira, intitulada "Mundo/homem/arte em crise", pela Editora Perspectiva de São Paulo estando atualmente no prelo "Dos Murais de Portinari aos espaços de Brasília" com textos sobre artistas nacionais e arquitetura da nova capital federal, ambos volumes organizados por Aracy Amaral.

Recentemente foi editado pela primeira vez, "Arte-forma e personalidade" pela Editora Kaivós, de São Paulo, sua tese de 1949, com prefácio crítico da organizadora de volume, Otília Arantes.

Mário Pedrosa é casado com Mary Houston Pedrosa, tendo uma filha casada e três netos. Reside no Rio de Janeiro.